

Revisão
214
A

l i l i m a r l e e n

(soliloquio de uma atriz ao contraponto de um ator)

Roteiro e adaptação de Suzana Kilpp

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(MÚSICA: LILI MARLEEN)

ATRIZ - (ENTRA CANTANDO)
 Vor der Kaserne
 vor dem grossen Tor
 stand eine Laterne
 und steht sie noch davor
 und alle Leute sollen es sehen
 wenn wir bei der Laterne stehen
 wie einst Lili Marleen
 wie einst Lili Marleen
 Unsere beiden Schatten
 sahen wie einer aus
 das wir so Lieb uns hatten
 das sah man gleich daraus
 und alle Leute sollen es sehen
 wenn wir bei der Laterne stehen
 wie einst Lili Marleen
 wie einst Lili Marleen
 Em frente à caserna
 à luz de um cabaré
 os homens fardados
 esperam sua vez
 brilham seus olhos de paixão
 pela mulher lábios de mel
 que é Lili Marleen
 que é Lili Marleen

(COMEÇA A TIRAR LENTAMENTE OS ADORNOS)

Dei de mamar aos lobinhos porque tinham ficado sem mãe. Os dentes feriam os seios, as unhas lanhavam, mas a língua lambia o leite que escorria, e o pelo era suave. Criei os dois. Com a idade ganharam carne crua. E um ar esquivo. Rosnavam entre si disputando meu afeto. Quando cheguei em casa e encontrei um deles estirado, soube quem o tinha morto. Então despi o casaco e ofereci o seio ao vencedor. (PAUSA) Está na hora de alimentar o lobo. Ouço que uiva e me chama. Aos poucos lhe dei as mãos, um braço, parte dos flancos. Penso que se lhe der os pés não poderei, depois, afastar-me para poupar o resto.

(DIRIGE-SE À UMA MESA, ONDE JÁ EXISTE OUTRA MULHER SENTADA.)

Ora, Melinha querida, como vai? Sentada aqui sozinha, na véspera de Natal, como se fosse um pobre solteirão.

Sabe, fico triste ao vê-la assim, sozinha. A Sozinha. Fico tão triste como quando lembro aquela noiva que lia histórias em quadrinhos na festa de casamento enquanto o noivo jogava bilhar com as testemunhas.

(ATOR SERVE UMA BEBIDA)

Agora eu penso que teria sido melhor você ter agarrado ele, e perdoado.. Agora você estaria casada e teria um lar. Mas na verdade o que você queria era sair do teatro.

Sei que você nunca me perdoou ter entrado em seu caminho, mesmo que eu tenha sido inocente. Você ainda acha que fiz intrigas para você sair do Grande Teatro, mas não fiz.

O lar é a melhor coisa do mundo...depois do teatro, é claro. Mas veja, você devia ter um marido como o Bob. Do que é que está rindo? E mais, sabe, ele me é fiel. Eu sei que é. Do que você está rindo? Ele mesmo me conta das amigas que tentam seduzí-lo. Eu arrancaria os olhos de alguma que me aparecesse em casa. Não sei porque, mas todas as mulheres da Companhia são loucas por ele. Acham



que sua posição lhe dá o direito de dizer quem deve ser contratado. Talvez você mesma já tenha corrido atrás dele...Não confio muito em você. No entanto, Bob nunca sentiu atração por você e você parece ter mágoa dele.

Foi tão esquisito o modo como nos conhecemos. Sabe, quando nos encontramos pela primeira vez, eu tive medo de você e não ousava perdê-la de vista. Quando vinha à minha casa, sentia uma coisa desagradável porque meu marido não gostava de você. Até fiz coisas para que ele fosse gentil...Então, quando você ficou noiva, ficaram tão amigos. Eu não tinha ciúme, é engraçado. (PAUSA) Mas por que você me deixa falando sozinha? Você me irrita, sabia? Sempre arranca dos outros seus pensamentos, esteve em mim como a seda no casulo...Estou dizendo mentiras?

(MOVIMENTA-SE INCOMODADA) Agora estou vendo tudo. Meu Deus, como fui idiota. Foi por isso! As tulipas que tive de bordar em seus chinelos...o nome de meu filho...Eu tinha de usar as suas cores, ler seus livros, fazer os seus pratos, beber esta bebida que você gosta (APONTA PARA O COPO E JOGA FORA A BEBIDA) é horrível! Tudo vinha a mim de você. Oh, como eu a detesto. Sua alma cavocou-me por dentro até não sobrar a não ser pele, aparência. Como um verme come por dentro uma maçã. Eu a detesto. E você continua aí, calada, indiferente. Você não sabe amar. Nem odiar, é tudo teatro. Fica aí lendo jornais, para ver se alguém se arruinou, ou foi expulso da Companhia. Mede suas oportunidades, avalia friamente suas vítimas... (PAUSA)

Pobre Amélia. Sabe o que eu sinto? Pena. Sei que se sente miserável, como uma criatura ferida e viciosa. Não posso zangar-me com você, pois você é tão miserável, insignificante...

E quanto ao seu caso com Bob...Que me importa que eu tenha aprendido a beber chocolate? Ou a me vestir como você? A gente não deve pensar com estreiteza; por que os outros não iam querer o que é meu?

Eu sou a mais forte. Você nunca tirou nada de mim. Mas você não foi capaz de guardar o amor de seu homem, nem com tulipas nem com sua paixão. Eu fui. Eu sou capaz. Você não aprendeu a arte de viver lendo seus livros, mas eu aprendi, parindo meu filho. (PAUSA) Por que é tão silenciosa? É, eu achava que isso fosse força, mas talvez seja porque você não tem o que dizer. Você nunca tem nada para dizer. Então eu volto para Bob, para o meu marido, que você não tem. Feliz Natal, Amélia.

(ATRIZ TOMA O LUGAR SUPOSTAMENTE OCUPADO POR AMÉLIA. REPASSA EM PLAYBACK OFF O TEXTO ANTERIOR. AÇÃO DE AMÉLIA.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(ENQUANTO ATRIZ SE DESPE, AO FUNDO, ATRÁS DE UMA CORTINA)

ATOR - (CANTAROLANDO)

Há muita gente apagada pelo tempo
nos papéis desta lembrança
que tão pouca me ficou:
igrejas brancas, luas claras nas varandas
jardins de sonhos e cirandas
foguetes claros no ar

(NARRANDO)

Clarice... (PAUSA) Clarice era morena como as manhãs, tão morenas... Era pequena no jeito de não ser quase ninguém. Andou conosco caminhos de frutas e passarinhos, mas jamais quis se despir entre os meninos e os peixes do rio. Que mistério tem Clarice? Tinha receio do frio, medo de assombração... Um corpo que não mostrava, feito de adivinhação. Os botões sempre fechados. Clarice tinha o recato de conventos e procissão.

(CANTAROLANDO)

Soldado fez continência
o coronel reverência
o padre fez penitência
três novenas e uma trezena

(NARRANDO)

Mas Clarice era inocência e nunca mostrou-se a ninguém. Fez-se modelo das lendas que nos contaram as avós. (PAUSA) Tem que um dia amanhecia e Clarice assistiu minha partida, chorando. Pediu lembrança, e, vendo o barco se afastar de Amaralina, desesperadamente linda, soluçando, lentamente despiu o corpo moreno entre todos os presentes. Até que o seu amor sumisse permaneceu no adeus, chorando e nua, para que a tivesse toda todo o tempo que existisse.

(CANTAROLANDO)

Que mistério tem Clarice
que mistério tem Clarice
pra guardar-se assim tão firme
no coração?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ATRIZ - Aquele ruivo olhar que me lançaste chamegou minhas narinas de lassidão. Percorro agora teus labirintos agoniada, mas espero em cada esquina novo encontro. Há um cheiro de jasmim que vem da fonte, derramando teu perfume pelo ar. Sigo lerda teu passo e não te alcanço. Vejo luzes nas vitrines, manequins te espalham na avenida. Sei de um carro em cada poste e não há nada que ilumine. Olho um, olho dois, olho mil... Te segui. E não devia?... Aquele ruivo olhar pintou as tintas. Me assumia, já, a vontade da entrega.

(MÚSICA/DANÇA: SINGIN' IN THE RAIN)

ATRIZ - (VOLTANDO-SE PARA A CAIXA DE FOTOGRAFIAS)

Naquele dia eu a encontrei no sótão arrumando as malas. Deixei-me ficar, olhando. Ela estava muda, tinha os gestos lentos e roliços como ela mesma perambulando à noite pela casa. Dobrava peça por peça, esticava-as dentro das malas. Eu não acreditava que ela partisse. Acho que fiquei atônito. Seus movimentos me mantinham entorpecido. Enquanto eu olhava o lento gesto de dobrar, lembrava nosso encontro em Buenos Aires. Estávamos no metrô, ela lia um jornal brasileiro, eu me aproximei pelas costas. (CANTAROLA) La noche em que me quieras... Depois, os prédios antigos e as lojas coloridas da rua Florida, vazia de gente às dez horas da noite... Ao longe, BOOM, BOOM... sirenes... gritos... Comemos "papas fritas" num restaurante vazio. No meu quarto de hotel, em frente à televisão ligada, eu a tive nos braços pela primeira vez, inebriado de paixão e desejo... (PAUSA) Ela continuava a dobrar a roupa. (PAUSA) Quando



voltamos a Porto Alegre, ela instalou-se em minha casa. Não sei até hoje se era isso que queria, ou se o fez porque pedi. Na verdade, eu não sei o que ela queria, do que gostava, o que fazia quando não estávamos juntos... A lembrança mais clara que tenho dela é a daquele dia no sótão, arrumando as malas, enquanto que eu a olhava apalermado, sem entender coisa alguma: por que ia, por que ficara? Acho que havia um ar de enfado em seu rosto quando desceu as escadas, mas não posso jurar que não fosse o meu próprio tédio diante da vida. Será que esperava que eu a chamasse, que lhe dissesse para ficar, que lhe beijasse loucamente? Talvez eu devesse tê-lo feito, mas o meu espanto era maior que minha paixão. Naquele momento... (OLHANDO AS FOTOGRAFIAS) Meu aniversário, com a turma do jornal... Meu Deus, minha formatura!... Trotoar no Brique da Redenção... (PAUSA) Como o Brique parece com Buenos Aires... (OLHA FOTOS DE BUENOS AIRES, UMA A UMA) O metrô... Era uma cidade triste, apesar dos nossos sorrisos... "La Bocca"... Não sei como era Buenos Aires quando conheci... Ela está em todas as fotos, à frente, com sua cara linda, os olhos brilhantes, negros. Eu não me dava conta dessa poeira cinza, dos escombros à volta. A cidade desmontava e nós nos amando em meu hotel, enquanto a televisão falava de bombas, os humoristas portenhos - que são um saco! - contando piadas que não ouvíamos. Nós ainda pensávamos no tempo em que se fretava avião para assistir um filme em Buenos Aires, filmes que nunca chegavam a Porto Alegre, que eram proibidos aqui... Nós ainda pensávamos na rua Florida cheia de pessoas, crianças, às duas da madrugada, passeando... E, ali, nos amando na cama do hotel... Lá fora, caía o mundo, e eu não via, porra! (PAUSA) O que terá sido dela? Às vezes me invade uma saudade imensa, que não desconfiava ser capaz de sentir. E aí, eu fico no sótão, olhando fotografias. (PAUSA) Ela apenas disse que ia embora?... Não, ela deve ter dito uma coisa mais, que não consigo lembrar. Pode ser que nem tenha dito nada... (PAUSA) Esses escombros, quero vê-los de perto, eu vou voltar a Buenos Aires, eu ando me esquecendo de muitas coisas que não posso esquecer. Não quero que ela saiba disso, não quero que me veja assim. Talvez um dia ela escreva, mande fotos, me explique. Eu volto pra conferir, em algum lugar devem ter ficado marcas, eu não posso continuar esquecendo... ÁÁÁÁÁÁh.

(MÚSICA/DANÇA: TRISTANGO)

ATRIZ - (OFF) Uívia dizendo que eu parecia uma pantera. Que o andar, que os olhos. Eu deitava a cabeça no seu ombro e miava baixinho. Uívia dizendo que eu parecia uma pantera. Que o andar, que os olhos. E eu me apanterava toda para agradá-lo. Uívia dizendo. Mas só acreditei no dia em que, saltando do armário, cravei-lhe os dentes na carne e o devorei.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



• ATRIZ - (ENTRANDO)

Há três mil anos desvairei-me, e o que restaram foram fragmentos fonéticos de mim. Estou mais cega do que antes. Ui, sim. Ui, e me assustei com a verdade bruta de um mundo cujo maior horror é que ele é tão vivo que terei que alcançar minha consciência de vida exterior a um ponto de crime contra a minha vida pessoal. (PAUSA) Como eu não entendia, eu arrumava as coisas. Ter descoberto que estou tão cruamente viva quanto essa crua luz que ontem aprendi é o horror. (PAUSA)É que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno.

(ATOR APROXIMA-SE E SENTA-SE PARA OUVI-LA)

Se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele. Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão. Pelo menos no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por te falar eu te assustarei e te perderei. Mas se eu não falar eu me perderei, e por me perder eu te perderia.

(AFASTANDO-SE)

Me perdoa a pressa. Não sou eu quem vai ficar no porto esperando, contemplando o eterno movimento dos barcos. Eu brilho. Eu agora sou uma estrela, meu palco é o mundo. Eu me corrompo à luz de um mundo vivo, eu posso ser o cabaré. Explode, coração. Eu quero mais que essas quatro paredes. Eu sou a dor e a delícia que vejo no espelho das ruas, eu sou essa poça que respinga nos teus carros, tuas máquinas, teus cascos, tuas feridas. Eu sou quem não queria que fosse, e porque sou posso te mostrar que a vida - esse inferno chamado vida - é um canto doido, doido, em que me perco, mas em que também me encontro. Então, me toma em teus braços, assim, em silêncio; não me repreendas, não me digas o que devo ser. (PAUSA)

ATOR - Amanheceu uma pequena província em torno dos amantes...

ATRIZ - Romeu.

ATOR - Julieta.

ATRIZ - Amor, você viu que agora somos goiabada e queijo?

ATOR - Ui. Não me diga que está se sentindo ultrajada por isso?

ATRIZ - Não.

ATOR - Ah, agora quem não entendeu foi eu. Você, tão doce e meiga, tão romântica. Ser comparada com goiabada, devia ficar magoada.

ATRIZ - Sabe o que é, Romeu? Pensei muito, muito, muito, muito, muito.

ATOR - E daí?

ATRIZ - Se eu estou apaixonada por um banana ou por um queijo, não faz muita diferença...Mas tenho me perguntado.

ATOR - Ai, que saco. Fala de uma vez!

ATRIZ - Seguinte, caras: se viramos sobremesa, quem é que é o prato quente? Ein? Ein?

ATOR - Eu sabia que você não suportava a realidade de hoje.

ATRIZ - Não é isso. Eu quero saber quem ocupa a mesa em meu lugar. O nosso foi um reinado de rivalidades e de amor. O que restou da nossa trágica vida?

ATOR - Nós passamos para a História!

ATRIZ - Sem essa. Você ainda se mataria por mim, hoje?

ATOR - Isso é bobagem pura. Vou te confessar uma coisa: na verdade, eu gostaria de ser o prato quente.

ATRIZ - Nunca havia pensado nisso...

ATOR - Você já era, garota.

ATRIZ - Então, adeus, Romeu.

ATOR - Ei, onde você pensa que vai? Espera, garota.

ATRIZ - Adeus, Romeu. Eu quero comer o prato quente. A sobremesa



que se dane.

ATOR - Ah, sua putinha. Isso não vale. Traidora. Eu pensei antes. Eu falei primeiro, eu vi primeiro, muito antes que você.


ATRIZ - Foda-se, meu velho. Na guerra como na guerra!

(MÚSICA: LILI MARLEEN. ATRIZ SAI SOB O OLHAR DESOLADO DO ATOR. QUASE AO FINAL DA MÚSICA, VOLTA, BEIJA O ATOR E SAI COM ELE)

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MJ-DPF	SCDP/SR/RS
26/9	16:58
Nº 03112	0033 55 788
RECEBIDO POR:	

Ilmo. Sr. Diretor do Dpto. de Censura

Solicito respeitosamente a liberação para apresentação de um show musical a ocorrer no dia 15 de outubro - sábado, 21 hs - no Teatro de Câmara desta cidade (Rua da República) com a banda Esporte para Dois.

O preço do ingresso será de 300 cruzados.


A autoria das canções, devidamente liberadas por essa entidade, segundo parecer datado de 05-5-88, é de Leandro Martins, que não possui vínculo com nenhum órgão arrecadador, de Direitos Autorais.

O repertório: Bateram no meu irmão, Mas que Azar, Serelepe, A saga do artista, Fica frio, A viagem que fracassou, O mais cabrito é leão, Marginal, Marcou dançou, 990 apartamentos.

N.T.

Peço Deferimento

Porto Alegre, 26 de setembro de 1988


Leandro Martins (CNPJ nº 0033 55 788)

